

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : FSP

CLASS. : 306

DATA : 14 05 87

PG. : A-14

Empresa poluente pode ser multada em Cz\$ 1 milhão

MARCELO LEITE
Enviado especial a Manaus

O rompimento de dez barragens na mina de Pitinga, 200 km ao norte de Manaus, que provocou o lançamento de cerca de cinquenta mil metros cúbicos de lama no rio Tiaraju, poderá custar à mineradora Taboca S.A. (empresa do Grupo Paranapanema) entre Cz\$ 207 mil e Cz\$ 1 milhão (mil a cinco mil



Obrigações do Tesouro Nacional -OTNs). Em 1986, a Taboca recolheu US\$ 17,5 milhões de Imposto Único sobre Minerais (IUM). A multa deverá ser aplicada pelo Centro de Desenvolvimento, Pesquisa e Tecnologia do Estado do Amazonas (Codeama), órgão estadual que trata da questão ambiental. O acidente na maior mina de estanho do Brasil, responsável por 12% da produção mundial de cassiterita, ocorreu no último dia 1º e foi denunciado pela imprensa de Manaus na última segunda-feira.

"A situação da mina é totalmente

irregular", disse a diretora-presidenta do Codeama, Lídia Loureiro de Cruz. A irregularidade não se refere porém ao acidente, mas sim a não apresentação, por parte da mineradora, do Relatório Impacto Ambiental (ou Rima, como é conhecido), no qual a empresa deveria fazer antes de entrar em operação uma previsão dos efeitos sobre o meio e uma indicação das medidas preventivas. Este relatório é exigido pela legislação federal mas deve ser apresentado ao órgão estadual.

O prazo para a empresa apresentar outro relatório, sobre o acidente,

encerra-se amanhã. Hoje, a empresa mineradora vai levar até o local do projeto Pitinga um grupo com representantes da Codeama, do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF), do Instituto de Pesquisa da Amazônia, da Capitania dos Portos e da Prefeitura de Manaus. A mina fica em outro município —Presidente Figueiredo— mas a presença do representante de Manaus se explica pelas notícias de que o abastecimento de água da cidade poderia ser interrompido (o Tiaraju faz parte da mesma bacia do Rio Negro), divulgadas pela imprensa local.

A turvação das águas do Tiaraju, que com argila adquire uma cor amarela forte, contrasta com a cor marrom escuro do Alalau, no qual desemboca. Com o maior volume e vazão deste, no entanto, a mancha logo se dilui e não há qualquer chance de que atinja o Rio Negro e Manaus. Isto não quer dizer que o acidente não seja grave, afirma o especialista em etnofarmacologia da Universidade do Amazonas, Frederico Arruda, 39, que faz pesquisas na reserva dos waimiri-atroari, cortada pelo Tiaraju e Alalau. "O problema é crônico, tem mais de um ano".

Niel Andreas

Sema deverá responsabilizar a mineradora

Da Sucursal de Brasília e
da Reportagem Local

A empresa mineradora Taboca S/A deverá ser responsabilizada e punida pelo acidente ocorrido pela quebra de suas barreiras, que causou danos ecológicos em parte da bacia hidrográfica do Estado do Amazonas. A informação é do presidente interino da Secretaria Especial do Meio Ambiente (Sema), Francisco Borges Maia, 48. Ele disse ontem, em Brasília, que a ação do órgão a nível nacional é supletiva, intervindo apenas no caso de ausência ou omissão do responsável estadual pela política do meio ambiente.

Neste caso, Borges disse que a Sema do Amazonas já está traba-

lhando, tendo a Sema se restringido a apoiar os encaminhamentos e orientar o órgão estadual no sentido de apurar as responsabilidades e aplicar as penalidades previstas em sua própria legislação. Segundo ele, qualquer empresa geradora de poluição tem que apresentar, no ato da concessão da licença para localização, um relatório de impacto ambiental, contendo informações básicas sobre o ambiente e as possibilidades de alterações ecológicas que poderiam ocorrer após a sua atuação.

O rompimento das barragens da jazida Pitinga pode ter provocado um desastre ecológico, apesar de não ser utilizado na separação do minério nenhum produto químico, segundo

disse ontem, em São Paulo, o chefe da Seção de Mineração e Meio Ambiente do Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT), Carlos Alberto Gonçalves Leite, 44.

Para ele, o fato de as águas do rio Alalau —afluente do rio Negro— terem se tornado lamacentas implica, provavelmente, a ocorrência de um impacto ambiental, com a mortandade de peixes, da flora e da fauna aquática. "Esse desastre é uma boa oportunidade para que a Sema e os órgãos ambientais da Amazônia façam um estudo sobre a repercussão provocada no meio ambiente, com o derramamento de tal quantidade de lama nas águas. A turbidez de um rio não é apenas uma questão de estética", disse Leite.



As águas turvas do rio Alalau (à esquerda) encontram o Tiaraju, na Amazônia